

ALEGRIA: O QUE É?

por *Paulo Faitanin* – Instituto *Aquinate* e UFF.



Alegria

1. Introdução: Segundo o Aquinate, a alegria espiritual é causada em nós pela caridade. Distingue-se da alegria enquanto uma mera paixão da alma, derivada do prazer e correlata à vida sensitiva do homem. Em síntese a alegria espiritual não é a fisiológica ou psicológica, pois nem advém do que se come ou bebe, nem mesmo pela posse de qualquer bem material exterior, como dinheiro ou pelo reconhecimento de outrem, como as honrarias. Trata-se, pois, de um bem da alma espiritual consequente da caridade, dom do Espírito de Deus em nós. Portanto, a alegria espiritual é um efeito interior resultante do ato da caridade, em que se goza na alma, a presença do amor de Deus em nós [*STh.* II-II, q. 28, a. 1, r.].

2. É compatível com a tristeza? A alegria que é paixão da alma pode gerar a tristeza na medida em que este amor não é a caridade divina presente em nós, mas o amor natural, enquanto é uma inclinação que possuímos com relação ao bem que se faz presente. Ora, se este bem que é amado se faz ausente, então desta ausência resulta a tristeza. Deste modo, a alegria pensada enquanto paixão humana é compatível com a tristeza [*STh.* II-II, q. 28, a. 1, r.]. Com relação à alegria espiritual há de se saber que são de dois tipos: (a) uma *principal* que é o próprio bem divino em si mesmo. Nesta alegria espiritual, enquanto tal, não há lugar para tristeza. A presença do bem divino é mais intensa, contínua e profunda na alma e diante de tal presença divina, ela não causa tristeza na alma, nem amargura, mas alegria, paz e um coração humilde e misericordioso. Sendo assim, a alegria espiritual consequente da caridade pensada, enquanto tal, não se mescla com a tristeza [*STh.* II-II, q. 28, a. 2, *sed contra*]; (b) uma *secundária* que consiste o bem divino enquanto participado em nós. Mas esta participação pode ser impedida por algum obstáculo, como uma paixão desordenada. Deste modo, pode ser que a alegria espiritual da caridade, neste segundo sentido, pode se mesclar com a tristeza, na medida em que nos entristecemos com o que contraria em nós mesmos a participação do bem divino [*S.Th.* II-II, q. 28, a. 2, r.].

3. A alegria plena: A alegria espiritual é plena de dois modos: em Deus mesmo que é pleno e em nós, quando gozarmos da plena presença divina, o que não ocorre nesta vida presente, pois como se dá de modo finito e limitado o nosso viver neste mundo, nada há que cesse plenamente nossos desejos enquanto vivemos [*S.Th.* II-II, q. 28, a. 3, r.]. A alegria espiritual não é algo que alcançamos como se adquire uma virtude moral pelo hábito. Nem mesmo é uma outra virtude teologal, mas um ato ou efeito da caridade, um verdadeiro fruto do Espírito Santo [*S.Th.* II-II, q. 28, a. 4, r.]. Ela permite ao fiel cristão a manutenção da paz e da humildade ante as vicissitudes da vida e difere o cristão do não cristão, pois esta alegria espiritual, que não se traduz em alegria fisiológica – contumaz no riso derivado do prazer – revela-se silenciosa e se colhe no interior da alma, como um fruto do Espírito Santo em nós.